



Cinema e Televisão: Entre a Luz e a Sombra¹

Lorena Caldas Carvalho BARBOSA²
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Este artigo tem o intuito de analisar a luz e a sombra ocasionadas pela televisão e pelo cinema e sua repercussão na sociedade. A mesma luz que traz para o foco determinados assuntos é capaz de criar sombras através dos equívocos de representação e estereótipos. O que ocasiona a criação de homens invisíveis e sem voz. Com base nisso, discorre-se ao longo deste artigo a tentativa da luz do cinema e da televisão de consertar esses erros gerados pelas sombras que marginalizaram etnias quando lhes atribuíam características preconceituosas. A partir desse momento, os homens invisíveis vão ganhar voz por meios de produções audiovisuais para mostrar as mazelas causadas pelo preconceito, de certa forma, instituído pelas mídias audiovisuais.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; televisão; marginalização; estereótipos; comunicação.

INTRODUÇÃO

Cinema e televisão já passaram por várias etapas, conheceram apogeu e declínios, um ameaçou a sobrevivência do outro e um já marginalizou o outro. No entanto, mudanças aconteceram e estão acontecendo na contemporaneidade. Até por que esses discursos fatalistas já estão ultrapassados e percebe-se cada vez mais a hibridização para a revitalização desses meios.

Já passou o tempo dos enfrentamentos e dos estigmas que carregam cada um desses veículos de comunicação. Hoje, eles trabalham muito em conjunto e um se apodera dos meios e da estética do outro. No entanto, o que mais interessa apresentar são os períodos de luz e sombra da TV e do cinema.

Cinema e televisão: luz e sombra. O que se entende por luz e sombra?

Luz é a capacidade que a TV e o cinema têm de trazer o foco de determinados assuntos para a esfera da mídia. Sombra: marginalização, estereótipos e equívocos de representação.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social com ênfase em Rádio e TV da UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz, email: loren_na@hotmail.com



A luz pode ser compreendida através do poder que tem de trazer para o foco determinados assuntos. Tomando como exemplo a televisão, na sociedade brasileira, pode-se dizer que o espaço público do Brasil está determinado pelo que as lentes da câmera são capazes de captar.

Ela molda mentes, mas não como era descrito pela teoria hipodérmica, que considerava a massa uniforme e passiva, e sim através de reconhecimentos e estudos de interesses que qualificavam a audiência e reconheciam seus interesses produzindo produtos em cima desses conhecimentos e é a partir disso que a sociedade brasileira vai se alimentar da TV e reconhecer nela suas primeiras experiências, sonhos e anseios.

No entanto, toda essa luz gera sombras a partir do momento em que cria significações errôneas de determinados povos e etnias. Esses dois meios de comunicação criam referências que podem tornar-se verdade absoluta quando se usa como referencial as minorias. Esses equívocos ocasionam o nascimento dos homens e etnias sem voz e invisíveis.

1. Luz e Sombra

O cinema e a televisão, com a ajuda das imagens, ajudaram a criar aspectos de mundo, antes despercebidos, modificando drasticamente a visão de mundo e ampliando os conceitos e referenciais. O cinema trouxe a experiência das imagens através do sonhar coletivo, da aura das salas escuras de cinema, ao passo que a televisão trouxe o aconchego e a aproximação das imagens sendo convidada a participar da família.

Mas ambas buscam o mesmo objetivo, organizar o discurso das imagens audiovisuais e criar referenciais que permitam a criação de ícones e identificações, além de ampliação de mundo. Cinema e TV possuem o poder de destacar ou condenar assuntos a partir do momento que, de certa forma, molda a opinião. Não de forma geral, sem nenhuma avaliação crítica da audiência, mas é ele que trata de trazer e de fazer com que os assuntos sejam discutidos.

Eles já causaram inúmeras distorções do modo como estereotipam determinadas raças e etnias. Em função disso, algumas produções trabalham para tentar desfazer esse mal entendido ocasionado por essas representações errôneas.

No entanto, como se pode determinar quão verdade pode ser essa representação já que se partiu do pressuposto de que cada indivíduo age de maneira diferente dentro



de uma comunidade e, além disso, a realidade exposta na feitura pode conter distorções, já que cada um possui sua determinada visão e interpretação do real.

Essa determinada interpretação e feitura do real de determinadas etnias, países culturas etc. podem influenciar e moldar inúmeras cabeças e ideias. Já que, de certa forma, as imagens da TV e do cinema constroem referenciais, pois seu discernimento e averiguação crítica dependem muito do seu conhecimento prévio a cerca do assunto.

Essa retratação da suposta realidade, às vezes, soa pernicioso e muitas vezes preconceituoso já que o estereótipo em sua maioria vem carregado de humor, sarcasmo e tons de superioridade dos indivíduos que produzem, sobre os que estão sendo retratados.

Julgamentos são feitos inevitavelmente sobre os objetos e situações retratadas, e são nesses julgamentos que as imagens permeiam e tornam-se realidade na cabeça do espectador. Contudo, entende-se que não existe uma dada verdade absoluta, e sim verdades contingentes que se encarregam de apresentar e informar certas perspectivas do mundo de determinadas comunidades.

Essas ditas verdades contingentes são construídas e codificadas através da vida social comum trazendo para as telas perspectivas de mundo social e cultural. Assim, deve existir muito cuidado na representação hegemônica, pois ela vai servir de parâmetros para muitas audiências como verdade absoluta.

Deve-se atentar criticamente para o intuito da representação da realidade nas produções, se ela pretende servir como objetivo ou estilo, já que o primeiro se propõe a demonstrar a realidade propriamente dita e o segundo fica a cargo de produzir somente um efeito da realidade.

Seguindo a linha das idéias de Bakhtin, compreende-se que as imagens do cinema e da televisão não vão propriamente se referir as representações de forma absoluta, e sim a representação de discursos e linguagens em uma versão mediada do mundo.

A exata reprodução da realidade não é, portanto, o principal parâmetro da representação, e sim a interpretação da sociedade coletiva e o modo como eles elaboram seus discursos ideológicos. O filme passa a ser o perfil de várias vozes orquestradas pelos produtores e receptores, já que também deles dependem o significado na maneira como eles interpretarão a mensagem.



E ao se tratar de feitura de estereótipos, os estúdios de Hollywood são os principais em propagar tais. No entanto, não passam despercebidos e irritam bastante as comunidades que são erroneamente representadas e estereotipadas por eles.

Já que os grupos retratados possuem bases críticas na sua própria vivência para questionar os aspectos dos filmes. Já que determinados discursos podem soar preconceituosos e racistas ou influenciar na criação desses sentimentos a depender da bagagem cultural de determinadas audiências.

Não raras as exceções, ocorrem protesto para que os estúdios passem a representar em suas produções algo que se aproxime mais da realidade dessas comunidades. O que leva a questão de que espectadores com um olhar e opiniões mais críticas podem influenciar no modo como serão as produções.

2. Representações e seus equívocos

Quando se associa à criação dos estereótipos aos protestos acalorados, deve-se levar em conta o fardo das representações que perduram sobre determinados povos e tornam-se identidades absolutas tornando-se referencial incondicional.

Isso acontece em função da falta de atenção para o verdadeiro sentido da palavra representação que leva ao conceito de atuar, representar papéis, interpretar, significar o real... É a parte da definição de algo que tenta reproduzir o real e como tal sofre variações de interpretações.

Esses aspectos estão nos planos políticos, pessoais, sociais, e a pluralização desses conceitos geram conflitos, já que uma ação ruim pode atribuir qualidades negativas a toda uma comunidade.

No entanto, esses aspectos pluralizados não retratam os grupos ditos sem voz, já que eles são considerados homogêneos, onde uma representação geralmente determina a qualificação de todo o grupo, enquanto os grupos dominantes possuem suas diferenças e individualidades.

Representantes dos grupos dominantes não possuem a preocupação com as distorções e estereótipos que possam ser apresentados deles com características negativas, já que mesmo que isso aconteça, não culmina na representação de todos e sim no entendimento e aceitação de um das vários aspectos das personalidades que possam ter.



Imagens sobre políticos corruptos, ladrões caucasianos, pessoas de cor branca sem nenhum escrúpulo são apresentadas nas telas do cinema e da TV, mas não é por conta deste fato que os brancos levaram o estigma de “vergonha da raça”, pois se entende que possam existir brancos ladrões, corruptos etc.

No entanto, grupos minoritários levam o estigma de “excesso de valor simbólico”, que como Michel Rogin definiu seria a alegoria excessiva das representações dos mesmos. Negros, índios e latino-americanos, para citar algumas nas minorias, sofrem com esse tipo de significação. E essas se perpetuam e são indícios de suas personalidades. “Todo negro é ladrão, toda brasileira é prostituta, todo índio é preguiçoso”.

Mas, o que gera preocupação é a repercussão que esses estereótipos causam e suas consequências para o cotidiano, já que essas representações culminam na verdade absoluta sobre essas culturas, e essa generalização simplista acaba causando desconforto e alguns casos preconceitos e medidas violentas e opressoras em função destes estigmas. Como acontece com a comunidade negra, mulçumanos e latinos.

Logo, o que se destaca nessas representações errôneas é o fato de que os aspectos dessas minorias marginalizadas não possuem nenhum traço da sua voz que determine a sua própria representação. E isso se deve muito ao fato do tipo de audiência que qualifica esses estereótipos como verdade absoluta, já que tudo depende da bagagem cultural.

Levando o preconceito para as telas de cinema e televisão, até pouco tempo atrás era muito difícil encontrar essas minorias nas telas, mesmo quando eram papéis sobre eles, geralmente os brancos se encarregavam disso, muitas vezes sendo pintados de negros.

Além disso, vários aspectos corroboram para elaborar o conceito de que negros não possuem um espaço significativo na indústria do entretenimento e, quando o tem, é com uma pequena parcela nos cargos executivos nas redes de televisão e estúdios cinematográficos. E todo o estereótipo que eles carregam só serve para acentuar esse preconceito.

Por muito tempo, os negros não possuíam lugar no cinema e na TV, e quando isso passou a acontecer era somente para que eles representassem papéis essencialmente negros. Os negros sempre estiveram fadados a representar papéis de empregados, escravos, ladrões, presidiários, jogador de futebol etc. Porque quando se define



qualidades a negros eles sempre vêm acompanhados da característica da raça? Isso faz parte de sentimentos racistas mascarados na atual condição de abertura de ‘cotas’.

Um galã negro, uma boa atriz negra, uma negra bonita, um bom apresentador negro, ao passo de que brancos são somente bonitos, bons atores, galãs, etc. Os adjetivos continuam, mas os espaços estão se abrindo. Hoje, vê-se atores negros representando papéis de destaque e tidos como “essencialmente para brancos”, o que gera uma mudança lenta, mas gera alguma mudança.

Mudanças que não são suficientes, mas que já abrem espaço para que outras mais profundas aconteçam. Vê-se no cenário nacional e mundial, muitos negros com papéis de destaque. Camila Pitanga, Taís Araújo, Lázaro Ramos são alguns dos negros que gozam de certo destaque na mídia nacional e que não raras às vezes representam papéis destinados a brancos. E no contexto internacional podem ser citados o ator Will Smith, Barack Obama, presidente dos EUA, o ator Denzel Washington, a atriz Halle Barry, para não citar Oprah Winfrey, a celebridade mais rica e poderosa do mundo, segundo a Revista *Forbes*.

3. Etnias sem voz

A televisão e o cinema têm o poder de trazer para o foco, mas nem sempre os focos que eles trazem à tona contam com a participação e auxílio das etnias envolvidas no assunto. Quando isso acontece, presencia-se um dos muitos problemas ocasionados pelos estereótipos, já que o estudo e a representação das imagens acabam apagando o oral, e quando o deixam são vozes sem peso representativo, ou com falsos aspectos.

Esses homens sem voz tornam-se invisíveis e suas representações frias, na televisão, geralmente retratam o negativo que se acostumou a ver e que já não expressam comoção. Violência, miséria, marginalização, estigmas que estão impregnados nas minorias, principalmente quando se fala de negros e pobres.

No entanto, esses conceitos pouco a pouco dão espaço a visibilidade e a vozes que ecoam como protestos, chamando a atenção para a realidade. Essa mudança chama atenção para o espaço criado na pós-modernidade que tem como papel principal restituir a voz aos excluídos.

O fato do ganho de voz das minorias sugere uma infiltração através das imagens cinematográficas e televisivas para o remodelamento dessas significações, tentando redefinir seus espaços e características étnicas. Não que isso vá reverter as ordens



hierárquicas através da substituição das imagens pelo som, mas que elas sejam consideradas complementares.

Com essas mudanças de perspectivas, as imagens deixariam de moldar estereótipos, e um discurso e significados operariam na adequação das imagens à realidade de nações oprimidas e representadas. Fazendo com que seja ultrapassada a superfície das imagens e uma análise de discursos seja mais importante para determinar comportamentos das comunidades. “Se a palavra ‘imagem’ remete à questão do realismo mimético, ‘voz’ invoca um realismo de delegação e interlocução, uma fala situada entre o ‘quem fala’ e o ‘para quem se fala’.” (STAM e SHOHAT, 2006, p. 310)

Esse conceito é determinado quando se leva em conta que a questão da verossimilhança e autenticidade seria abandonada no discurso dando espaço para a pluralização de ideias, mas não esquecendo que uma voz não teria esse peso, já que uma voz representaria novamente o autor e não a heterogeneidade da comunidade. A voz para possuir valor de representação mais perto do real precisa dialogar com várias ideias e opiniões, incorporar uma gama de ideias, a pluralização de vozes.

Além disso, discursos polifônicos trabalham de forma a não deixar margem para falsos moralismos onde tendenciosamente representam-se negativos e positivos. Sendo assim, quando é enfatizado o discurso esse permite uma análise crítica e comparativa entre as vozes que circulam na mídia e no social.

Polifonia não é simplista no fato de possuir um representante para cada grupo, mas quando ocorra uma representação forte o suficiente para ser ouvida, captada e compreendida. Para que se destaque mais as diferenças culturais do que o enfoque negativo nas desigualdades sociais.

4. Visibilidade X Invisibilidade

Na década de 1990, estourou, nos cinemas e TV do país, o tema das violências nas favelas o que culminou na ampla visibilidade. O que retifica a idéia de que os meios de comunicação são capazes de trazer para o foco assuntos de seu interesse.

Nos últimos anos, fala-se cada vez mais dos problemas sociais, as causas das marginalizações e a responsabilidade da sociedade. Isso acarretou a mudança na estética



do assunto e eclodiram vários programas, documentários e filmes, sensacionalistas ou não, com intenção de aproximar a sociedade dessas mazelas.

Com a introdução do programa *Documento Especial*, que tem seu início, em 1989, na Manchete e três anos depois migra para o SBT, uma nova possibilidade para o jornalismo é criada. Um jornalismo factual, só que com status de meta-sensacionalismo. Ele não mostrava somente as situações, ele ia a fundo e mostrava a crueza da realidade e a dura ideologia que envolvia e culminava naquelas atitudes. Ele não explorava os tabus e os preconceitos da sociedade, ele os retratava.

O *Aquí, agora* do SBT, em 1991, vai seguir essa mesma linha ao apresentar paisagens urbanas que foram legitimadas com o jornalismo ao vivo de perseguições e da realidade urbana nos morros e periferias, onde era possível sentir respirações ofegantes e a trepidação da câmera.

Apesar de parecerem muito parecidos, os dois programas eram diferentes na forma como abordam o assunto, o conteúdo, a plástica, em quase tudo. Mas a diferença mais importante era a forma como cada um conduzia as matérias. O *Aquí, agora* se valia do repórter para conduzir o fato, enquanto o *Documento Especial* não possuía o repórter como mediador, o que aproximava a imagem do espectador.

No entanto, é claro que a favela aparece como cenário dos filmes há muito tempo, mas essas representações mudaram no contexto atual. Elas oferecem imagens que permitem olhares reflexivos. *Notícias de uma guerra particular*, de João Moreira Sales, é um documentário que vai revelar a realidade antes pouco vista fora dos telejornais populares. Ele traz à tona a violência cotidiana dos morros sobre a perspectiva dos policiais, traficantes e moradores da favela. *Notícias* serviu como porta de entrada para trabalhos posteriores como *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles.

Aquí, agora vai trazer para o foco a estética da periferia, mas é com *Notícias de uma guerra particular* que a abordagem deixa de ser meramente descritiva para passar a ser interpretada nos seus contextos complexos. Nesse ponto, a invisibilidade dá espaço à visibilidade ao revelar uma realidade cruel e terrível do cotidiano no habitat dos homens e mulheres até então invisíveis.

5. Câmeras como estimulador de condutas

Trazendo o tema do incidente do *Ônibus 174* que foi televisionado e, posteriormente, virou filme articula a cerca da complexidade dos problemas sociais que



culminam em uma trágica situação. Sandro, que presenciou o assassinato da mãe e sobreviveu à chacina da Candelária assume papel de destaque nesse produto, pois protagonizou um dos eventos mais chocantes televisionados na história da televisão brasileira.

Sandro vai sequestrar um ônibus e, durante horas, vai manter alguns reféns sobre forte pressão e ameaças que, talvez, tenham sido estimuladas pelas lentes das câmeras. Não só Sandro vai representar seu papel incitado pelas câmeras, mas, policiais e reféns também o possam tê-lo feito.

A mídia vai paralisar as eventuais decisões da polícia, que pela repercussão ficam a mercê de comandos políticos, o que não acontece quando Sandro é morto por asfixia na ausência das mesmas. A mídia interfere de modo a ter transformado o andamento e o final da história.

Ao longo do evento, Sandro irá assumir o papel de algoz, vilão, por apresentar o perfil condizente com esse papel. Mas, na verificação dessa história e na procura de causas percebe-se muito mais que Sandro era vítima de uma sociedade que o oprimiu e o levou a se vestir do estereótipo de negro, pobre, violento, bandido e ignorante que a omissão permitiu.

Sandro vai representar o papel de vilão, mas por esse papel ele recebe a chance de impressionar o mundo através do drama de sua história, o Sandro mostrado na TV que contrasta com o Sandro que o filme reconstruiu.

Esses fatos revelam as maneiras que as câmeras vão estimular comportamentos, somente pelo fato de ir ao ar. O menino invisível rompe a invisibilidade e se apresenta ao mundo no papel que o mundo escolheu pra ele, e por algumas horas ele representou e gozou de maneira a corresponder as mais negativas expectativas. As câmeras garantiram a sobrevivência de Sandro, já que sem ela ele teria sido executado com um tiro logo no início da ação, que o levou a morte, quando se fez ausente.

Conclusão

Levando em consideração a luz e a sombra do cinema e da televisão, e o modo como esses influenciam diretamente em como a sociedade vai responder a esses estímulos, deve-se atentar para o fato como as expressões cinematográficas e televisivas retratam as identidades.



Esses meios de comunicação ao mostrarem a realidade acabam influenciando no modo como às percepções são moldadas. É nesse momento que significações errôneas constituem problemas que acarretam preconceito e marginalidade. E tais significações podem ser compreendidas como “sombras”.

Esses processos são concretizados ao passo que a televisão pode ser vista como aparato de criação para estereótipos capazes de inventar monstros hostilizados e marginalizados, sem rosto e sem voz.

Em virtude disso, compreendemos que a Luz do cinema e da televisão abordados no corpo do texto faz parte de uma tentativa de consertar erros causados pelas sombras que criaram estereótipos que acabou marginalizando etnias e criando características errôneas e preconceituosas.

Mas aos poucos, esses homens invisíveis rompem esse espaço mudo e chegam até os outros para expor suas dificuldades e transparecer o quanto de culpa se tem da atual situação em que eles vivem. Destacando a notoriedade conquistada por moradores de favela engajados na disputa pelo que merece se tornar visível, suas características individuais que os qualificam como pessoas, e alertando para as mazelas e os preconceitos causados pela criação dos estereótipos.

Talvez a especularização dessa estética da violência urbana e seus múltiplos aspectos seja uma forma de tentar amenizar as representações equivocadas dessas variantes de relações pensadas como experiências sociais, explicações e criação de sentido. A crítica radical à exclusão, especialmente tal como expressa na mídia tem sua principal causa nos estigmas e estereótipos.

REFERÊNCIAS

ROSSINI, Miriam de Souza. **Televisão E Cinema:** A Tradução, O Híbrido e A Convergência. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Ed. Intercom, 2005. Cd-Rom.

HAMBURGER, Esther. **Políticas da representação:** ficção e documentário em Ônibus 174. In Maria Dora Mourão e Amir Labaki, O cinema do Real, São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2005.

SHOHAT, Ella e STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica.** Multiculturalismo e representação. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2006.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV.** São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.



CASHMORE, Ellis. **...e a televisão se fez.** Tradução: Sonia Augusto. São Paulo: Ed. Summus, 1998.